XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

O GATO DE BOTAS

OS TRÊS MÚSICOS

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

O GATO DE BOTAS
pág. 1

Para que serve um gato, que nem é de raça? Pode valer muito, principalmente se for um gato que fala, que usa um par de botas e é muito esperto. Um gato que não tem medo de ir até o castelo de um bruxo poderoso e tentar enganá-lo, mesmo sabendo que se falhar estará perdido. E tudo o que esse gato faz é para ajudar seu dono a conseguir o que deseja. Quando você vir um gato andando pelo telhado ou pelo muro, preste bem atenção nas patas dele, veja se ele está de botas. Esse tipo de gato não escolhe lugar nem hora para aparecer.

OS TRÊS MÚSICOS
pág. 25

Qual é o mistério do anão mágico? Muitas pessoas tentaram decifrar esse segredo. Poderoso e riquíssimo, o anão morava num castelo imenso. E era mudo — ou pelo menos todos pensavam que era. Quem descobrisse seu segredo viraria príncipe. Só que ninguém havia conseguido. Até que chegaram ao lugar três músicos, que souberam da história e resolveram ir até o castelo do anão. Os dois primeiros se deram mal, mas o terceiro músico era esperto, muito esperto mesmo. Ele só não imaginava que teria pela frente muito mais do que um mistério, mas um mundo cheio de magia e surpresas.

EDITORA
GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0909-1 (volume 2)

O Gato de Botas

Ilustração: Pikka

Durante anos e anos,
um homem trabalhou muito
para sustentar a família.
Um dia, cansado e
doente, sentiu que estava
chegando a hora de morrer.
Então, chamou os três
filhos e dividiu entre
eles o pouco que tinha
conseguido ganhar
com tanto esforço.

Para o mais velho
deixou um moinho. Para
o filho do meio entregou
um burro. E para o caçula
deu apenas um gato.
Depois, fechou os olhos
e descansou para sempre.

Felizes da vida com a parte que receberam, os dois irmãos mais velhos começaram a fazer planos.

— O meu moinho mói o trigo — disse o primeiro.

— E o meu burro carrega os sacos de farinha para eu vender no mercado — comentou o outro.

— E o meu gato faz o quê? — perguntou o caçula.

— O seu gato vai embora com você — respondeu o mais velho. — Trate logo de arrumar a sua trouxa.

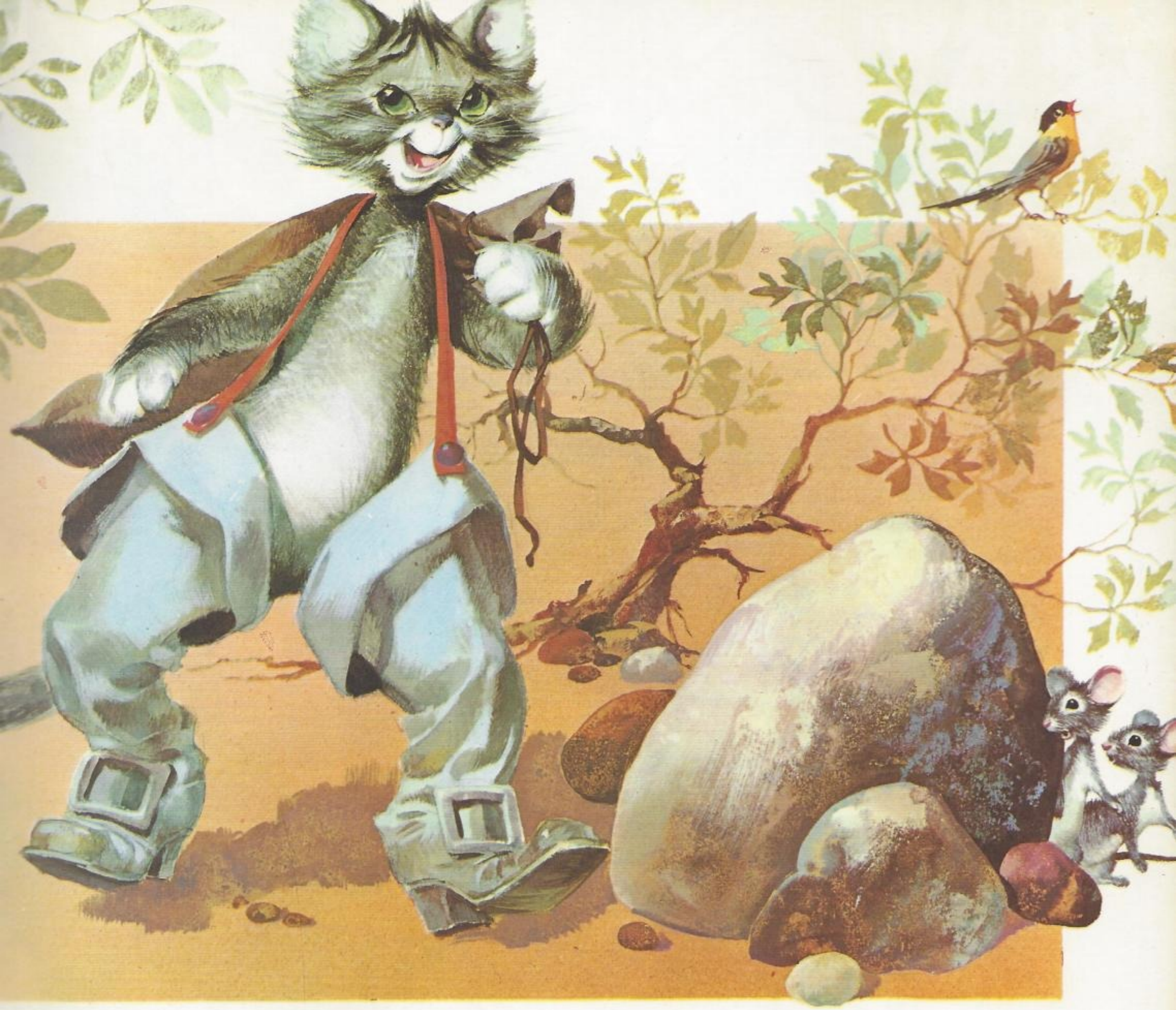
O caçula fez a trouxa, pegou o gato e saiu. Depois de muito andar, sentou num tronco de árvore e suspirou:

— Ai, para que serve esse gato vira-lata?

O gato ficou ofendido e foi logo respondendo:

— Fique sabendo que sirvo para muita coisa.

— Só se for para virar um belo assado — resmungou o moço.



O gato não gostou nada da idéia do dono, mas achou bobagem discutir. Era melhor mostrar logo para que ele servia.

— Olhe, vou fazer de você um homem rico — disse.

— Basta que me arranje um par de botas e um saco.

— Desde quando um gato pode fazer alguém ficar rico?

— Eu tenho um plano, mas não posso contar — respondeu o bichano. — Ande, vá logo arrumar o que eu pedi.

Meio desconfiado, meio esperançoso, o moço foi até a cidade. Com as poucas moedas que tinha no bolso, comprou as coisas encomendadas e voltou.

Mais que depressa, o gato calçou as botas, pôs o saco nas costas e foi embora. Antes de sumir entre as árvores, ainda olhou para trás e gritou:

— Fique aí até eu voltar. Confie em mim!

O gato foi para um lugar onde viviam muitos coelhos. Lá, pôs o saco no chão e dentro dele colocou algumas cenouras. Depois, prendeu a boca do saco com um galho seco, para mantê-la aberta. Então, deitou e ficou ali, se fingindo de morto.

Um coelhinho sentiu cheiro de cenoura e foi chegando perto, perto... até que caiu na armadilha. *Zapt!* O gato deu um pulo agarrou o saco e correu para o palácio do rei.

Quando chegou ao palácio, disse aos guardas que desejava ver o rei. Como eles nunca tinham visto um gato de botas, que ainda por cima falava, ficaram espantados. Tentaram conversar mais com ele, mas o bichano não queria prosa, estava ansioso para falar com o rei. Então, os guardas levaram o gato até a sala do trono. Assim que entrou, tirou o coelho do saco e disse:

— Meu patrão mandou este presente para Vossa Majestade.

Mais admirado com o gato do que com o presente, o rei procurou saber quem era o patrão de tão estranho animal:

— Diga que agradeço muito ao senhor... ao senhor...

— Senhor marquês de Carabás — disse o gato, sem pestanejar. — Esse é o nome do meu rico patrão.

Sem dizer mais nada, o gato foi embora. Dias depois, voltou, com outro coelho, e entregou para o rei:

— Aceite mais este presente do marquês de Carabás.

Pelo menos uma vez por semana o gato caçava alguma coisa para levar ao rei. Até mesmo perdiz, que é um bicho muito assustado, ele conseguia pegar.

Sempre usava o sistema do saco e fingia que estava morto. E sempre levava os presentes para o rei, dizendo que quem os mandava era o marquês de Carabás.

Um dia o rei convidou sua filha para passear perto do rio. Assim que soube, o gato levou o seu dono até lá e disse:

— Tire a roupa e mergulhe no rio.

— M... mas... para quê? — gaguejou o moço, sem entender.

— Ande, faça logo o que eu digo. Depois eu explico.

O moço já tinha aprendido que não adiantava teimar quando o gato decidia alguma coisa. Por isso, foi tratando de obedecer.

Dali a pouco, a carruagem do rei apareceu na curva da estrada. O gato começou a gritar:

— Socorro! O marquês de Carabás está se afogando!

O rei pôs a cabeça para fora da janelinha da carruagem e reconheceu o gato. Depois viu o moço dentro do rio.

— Vão logo salvar o marquês! — ordenou aos criados.

Enquanto os dois tiravam o rapaz da água, o gato se aproximou da carruagem e disse:

— Ah, Majestade, ainda bem que o senhor chegou a tempo! Eu já não sabia o que fazer...

— Mas como foi que aconteceu uma coisa dessa?

O gato já tinha inventado uma história comprida. E começou a falar bem depressa, sem tomar fôlego:

— Meu patrão gosta de passear por aqui. Mas hoje, assim que chegamos, apareceram uns bandidos mascarados. Ameaçaram a gente com revólveres enormes. Depois carregaram o cavalo, as roupas e o dinheiro do marquês. E ainda jogaram o coitado dentro da água...

— Que horror!... — exclamou o rei. — Hoje em dia a gente nem pode passear sossegado. Mas agora está tudo bem. Fique tranqüilo que eu vou cuidar do marquês.

Assim que o moço saiu da água, o rei pôs uma capa nos ombros dele e o levou para o palácio. Então, abriu um armário cheio de roupas e disse para ele escolher as que quisesse.

O rapaz experimentou uma porção de trajes, até encontrar um que lhe servisse direitinho. Aí, ele ficou parecendo um marquês de verdade.

Quando o moço apareceu tão bem-vestido, a princesa ficou encantada e perguntou para o pai:

— Nós vamos levar o marquês para a casa dele?

— Claro, filhinha — respondeu o rei.

"Quero só ver como é que o gato vai me tirar dessa encrenca danada", pensou o rapaz.

— Vamos pelo caminho do rio? — perguntou o rei.

— S...sim — gaguejou o moço, sem saber para onde ir.

Mas o gato já tinha corrido na frente. Ao encontrar uns camponeses, fez cara de bravo e ordenou:

— Digam ao rei que estas terras pertencem ao marquês de Carabás. Senão vocês vão virar picadinho de gente.

Pouco depois o rei passou e comentou, admirado:

— Que terras tão bem cuidadas... De quem são?

— São do marquês de Carabás — foi a resposta.

O gato ouviu bem
e continuou
correndo adiante
da carruagem.
Só parou quando
encontrou um
pessoal que
trabalhava num
imenso trigal.
Os homens
cortavam o trigo
e as mulheres
amarravam
os feixes.

Ao ver aquele gato tão esquisito, o pessoal parou de trabalhar e ficou olhando para ele, espantado. O bichano olhou firme para todos, engrossou a voz o mais que conseguiu e falou bem alto:

— Escutem. Já, já o rei vai passar por aqui e com certeza vai elogiar esse trigal. Digam a ele que tudo pertence ao marquês de Carabás. Senão, vocês vão virar picadinho de gente.

Eles ficaram apavorados. Assim que o rei chegou, foi logo perguntando de quem era aquele trigal.

— É do marquês de Carabás, nosso bondoso e amado patrão — responderam todos.

A princesa estava muito feliz por ver que o moço, além de bonito, era rico. O rei estava admiradíssimo.

— Mas o senhor é milionário... — disse ao rapaz.

O falso marquês sorriu com modéstia, sabendo que tudo aquilo só podia mesmo ser obra do gato de botas.

— Ora, Majestade, são uns campinhos de nada... — respondeu ele. — Mal dão para eu não morrer de fome.

Outra vez o gato saiu correndo na frente e foi até o palácio de um velho bruxo, muito rico e vaidoso. O guarda não queria deixá-lo entrar, mas ele disse que era empregado de um marquês importante e gostaria de cumprimentar o famoso dono daquele castelo. E assim conseguiu falar com o bruxo.

— Como o senhor é simpático! Tem uma barba linda... E se veste tão bem! — disse o gato, com a cara mais lavada deste mundo. — É um prazer conhecer o senhor.

— O prazer é meu. Você é um gato muito gentil.

— Obrigado, seu bruxo. Pena que nem todas as pessoas sejam como eu. Muita gente fala mal do senhor por aí...

— E o que é que falam de mim? — quis saber o bruxo, já começando a ficar bravo.

— Ahn... — respondeu o gato. — Dizem que o senhor não consegue mais virar bicho, como antes. Mas é claro que isso só pode ser mentira...

O bruxo ficou roxo de raiva e berrou:

— Mentira das grossas! Pois vou lhe mostrar.

— Não precisa... — disse o gato, disfarçando a vontade louca de ver o bruxo virar bicho.

— Faço questão. O que você quer que eu vire?

— Que tal... um leão? — sugeriu o gato.

— No mesmo instante, o bruxo falou umas palavras mágicas e se transformou num leão maior do que leão de circo. O gato levou tamanho susto que por pouco não se jogou pela janela abaixo.

— É incrível! — exclamou o gato, assim que pôde falar. — Vou contar para todos que o senhor continua sendo o maior bruxo do mundo.

— Conte mesmo. Onde já se viu dizerem que não posso mais virar bicho? Ora essa...

Com muito jeito, o gato foi chegando perto da poltrona do bruxo e perguntou:

— O senhor vira até um ratinho... *deste tamanhinho*?

O bruxo olhou feio para o gato, achando que ele estava em dúvida, e resmungou outras palavras mágicas. Dali a pouco virou um ratinho menor do que aqueles que o gato costumava caçar.

Mais que depressa, o bichano saltou em cima dele e engoliu o rato inteirinho.

Mal se livrou do bruxo, o gato despencou pela escadaria abaixo e foi avisar todos os criados:

— Preparem-se para receber o rei. E fiquem sabendo que de hoje em diante este palácio pertence ao meu patrão, o marquês de Carabás.

Os criados ficaram radiantes, porque o bruxo era um patrão horrível. Pulando de alegria, eles foram logo fazer comida e arrumar a mesa para o rei e o novo dono do palácio.

Enquanto isso, o gato em pessoa foi até a entrada receber o rei, que acabava de chegar.

O moço estava espantadíssimo com tudo aquilo. Até pouco tempo atrás, era um pobre coitado sem eira nem beira. E agora tinha um palácio daquele...

Aproveitando um momento em que o rei estava distraído, o rapaz chamou o gato de lado e perguntou:

— Mas como foi que você conseguiu fazer tudo isso?

— Foi muito simples, meu caro patrão...

Eu só usei a cabeça...

Todo cheio de gentilezas, o gato convidou o rei para sentar-se à mesa, onde os criados começavam a colocar travessas e mais travessas de comida.

A princesa e o moço sentaram ao lado do rei. Nas pontas ficaram o ministro e a esposa dele. O gato se acomodou no chão e comeu um delicioso peixe que o cozinheiro tinha feito especialmente para ele.

— Majestade — disse o moço no meio do banquete —, desde que vi a sua linda filha, eu me apaixonei por ela. Será que o senhor deixaria a gente se casar?

— Se ela quiser... — foi a resposta.

Não havia nada que a princesa
mais quisesse na vida. E dias
depois ela casou com o belo
dono do esperto Gato de Botas.

Os três músicos

Ilustração: Pikka

Há muito tempo, três amigos se uniram em torno de uma paixão: a música. O mais corajoso era violinista; o mais esperto, corneteiro, e o mais inteligente dos três tocava flauta. Por todo lugar onde passavam, o povo corria para ouvi-los e aplaudia com entusiasmo.

Mas não era só aplauso que os três músicos recebiam. Eles também ganhavam dinheiro, presentes, casa e comida.

Um dia, o dono de uma pensão os convidou para jantar e passar a noite lá. E, enquanto eles se empanturravam de carne, um vizinho de mesa lhes perguntou:

— Já ouviram falar no castelo do anão mudo?

O flautista respondeu pelos três:

— Não. Do que se trata?

O velho tomou um gole de vinho para limpar a garganta. Depois fez pose de gente importante e contou uma história comprida:

— Trata-se de um castelo enorme, lá para as bandas da montanha, onde só mora um anão rico e muito poderoso. Dizem que o homenzinho tem um segredo. Quem descobrir esse segredo vira príncipe e ganha uma fortuna. Mas até agora ninguém conseguiu decifrar o tal mistério.

— E o que aconteceu com quem tentou descobrir o segredo? — perguntou o flautista, interessado.

— Voltou para casa moído de pancada e morrendo de vergonha. E não contou nada a ninguém — disse o velho.

Os músicos ainda fizeram outras perguntas, mas não conseguiram maiores informações. Então, terminaram de jantar, subiram para o quarto e ficaram conversando.

— Acho que vou dar um pulo lá — disse o violinista. — Corajoso como sou, logo descobrirei o segredo do castelo.

— Mas isso exige esperteza, então eu vou também — complementou o corneteiro.

— Calma, não precisam brigar — disse o flautista. — Acho melhor ir um de cada vez; nunca se sabe o que pode acontecer...

— Eu não vou fracassar — interrompeu o violinista.

— Tomara que não — falou o flautista. — Mas, se for o caso, o corneteiro vai lá. Se ele também não conseguir nada, então vou eu. Combinado?

Os dois concordaram com ele.

No dia seguinte, bem cedo, o violinista pegou seu instrumento e rumou para o castelo. Chegando lá, viu todas as portas escancaradas e foi entrando.

— Ô de casa! — chamou ele, batendo palmas.

Ninguém respondeu e o rapaz continuou caminhando por salas e corredores. Até que chegou num imenso salão, com uma mesa posta para o almoço. A comida parecia tão apetitosa que ele não resistiu à tentação. Sentou-se e começou a comer.

— Hummm... — murmurou. — Esse franguinho está ótimo! E com um gole de vinho vai ficar melhor...

Nisso entrou na sala um velho muito pequenininho, com uma barba branca tão comprida que por pouco não arrastava pelo chão.

— Olá — disse o violinista, sem graça. — Desculpe eu ter entrado, mas vi a porta aberta...

O velho sorriu e abanou a cabeça de um jeito que tanto queria dizer que desculpava como que achava o rapaz doido.

— O senhor não ficou chateado porque eu avancei na sua comida, ficou? — continuou o violinista, cada vez mais sem graça. — Sabe como é, eu estava com muita fome...

Sempre abanando a cabeça daquele jeito engraçado, o mudo chegou perto da mesa e fez sinal para o músico se levantar. Então, sentou-se no lugar dele e apoiou na cadeira uma bengala que vinha segurando o tempo todo. Depois, com um gesto, ordenou ao rapaz que pusesse um pouco de carne assada no prato dele.

— Pois não — respondeu o violinista, gentil.

O moço espetou o garfo numa fatia do assado. Mas, quando ia colocá-la no prato do homenzinho, levou um safanão no braço e deixou a carne cair no chão.

— Desculpe, eu vou apanhar — disse ele.

E se abaixou para pegar a fatia. Então, o velho agarrou a bengala e começou a bater no rapaz com toda a força.

— Ai! Ai! — gritou o músico. — Não precisa me moer de pancada só por causa disso...

Quanto mais o coitado do violinista gritava, mais o anão batia nele. E o moço não viu outra maneira de se livrar das pancadas a não ser fugir bem depressa.

O violinista voltou para a pensão
machucado, mancando e gemendo.
Os amigos, mais que depressa, o levaram
para o quarto com o maior cuidado.

— O que aconteceu? — perguntou então
o corneteiro, muito preocupado.

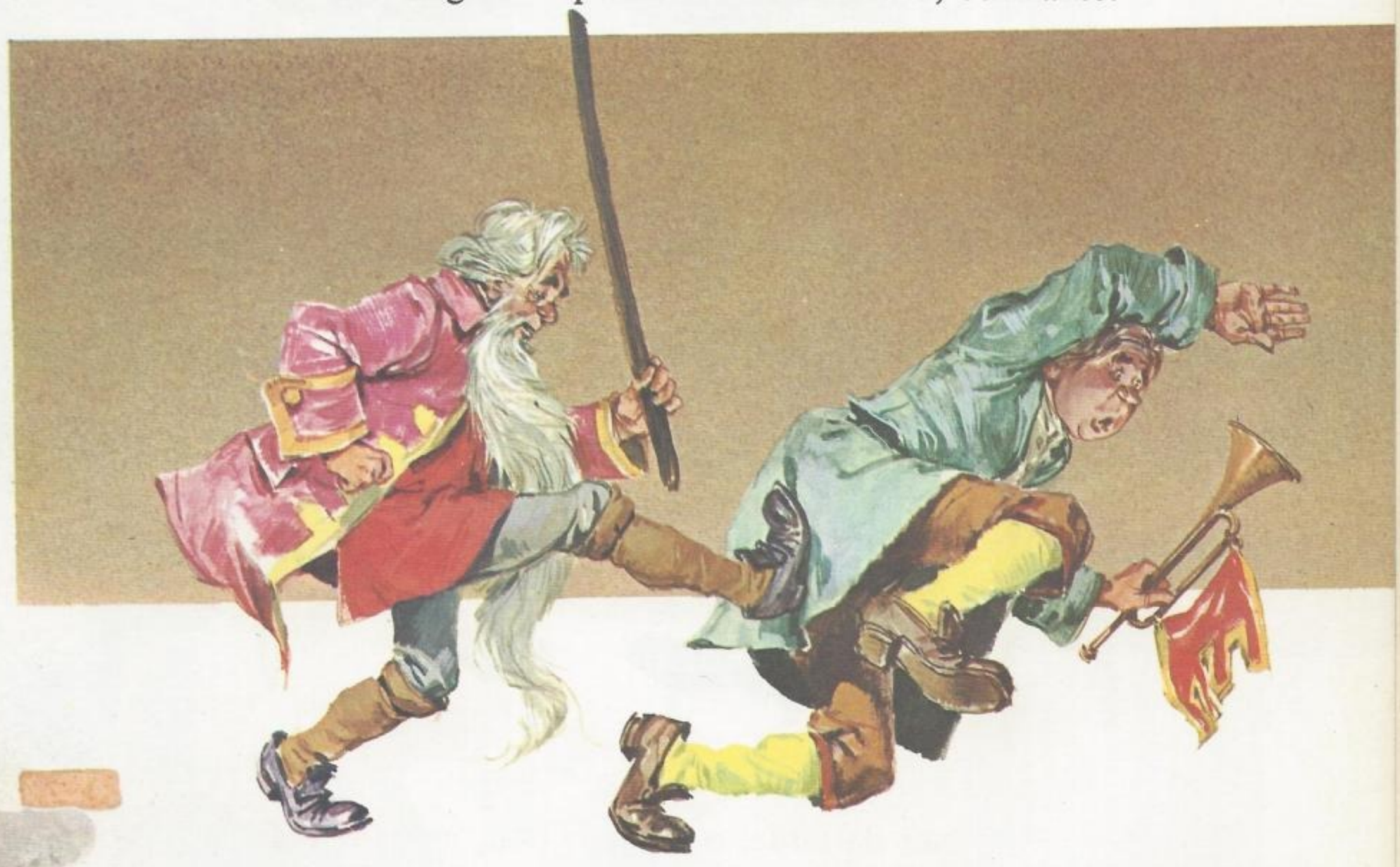
O rapaz respirou fundo e contou como
tinha sido o encontro com o anão.

Os dois amigos trataram o violinista do melhor jeito que puderam. E, quando ele já estava mais bem disposto, o corneteiro comentou:

— Eu não entendo... Você é tão forte, podia ter feito picadinho do anão. Por que não fez isso?

— Foi impossível... — resmungou o outro. — Acho que aquela bengala tem alguma coisa mágica...

— Pois amanhã eu vou até lá descobrir qual é essa mágica — prometeu o corneteiro, confiante.



De manhã cedo, o corneteiro foi para o castelo e fez tudo como o violinista já tinha feito. Quando o anão entrou, ele se levantou e disse:

— Como vai o senhor? Por favor, sente-se que eu lhe sirvo um pedaço desse delicioso assado.

O velho sentou-se, o moço foi servi-lo, e a carne caiu no chão. Então, o músico se abaixou para pegar e o anão o expulsou dali a pontapés e bengaladas.

Ao cair da tarde, o rapaz voltou, mais morto que vivo. Os amigos o recolheram no quarto, fizeram curativos nas feridas, esperaram que ele se acalmasse bem e perguntaram o que tinha acontecido.

— Aquele anão é uma peste... — suspirou o moço.

E repetiu a mesma história do violinista.

O flautista ouviu, quieto, e no dia seguinte saiu para o castelo sem falar com nenhum dos amigos.

Tudo correu como das outras vezes. Só que, quando a carne caiu no chão, o rapaz não se levantou da cadeira nem despregou os olhos do outro. Assim, viu o mudinho pegar a bengala e na mesma hora agarrou a mão dele.

— É assim que o senhor trata suas visitas? — disse o flautista. — Pois comigo vai ser diferente.

O músico puxou a bengala com força, mas não conseguiu arrancá-la da mão do velho.

"Como é que esse anãozinho pode ser mais forte do que eu?", pensou. "Será que o segredo está na barba?"

Nem bem acabou de pensar, o flautista estendeu a mão e deu um puxão tão forte na barba do velho que ela se partiu bem rente ao queixo.

Então, o mudinho soltou a bengala e recuperou a voz. Ajoelhou-se na frente dele e começou a falar:

— Por favor, devolva minha barba que eu lhe mostro todos os mistérios deste castelo.

— Está bem — respondeu o rapaz. — Mas primeiro o senhor me mostra tudo. Depois eu devolvo sua barba.

O velho não teve saída e precisou concordar com o flautista.

— Venha atrás de mim — resmungou.

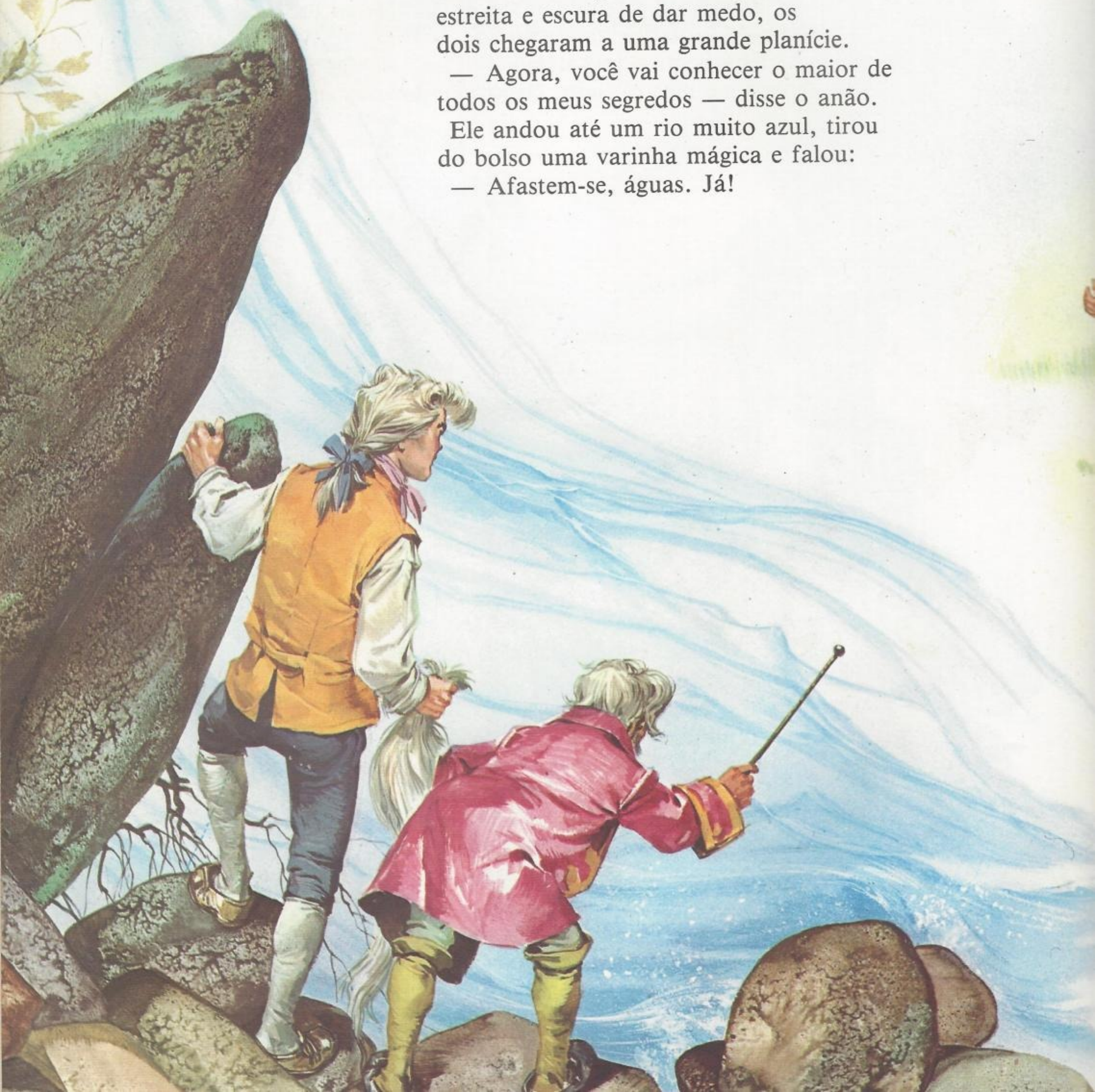
E levou o moço para visitar quartos de espelhos, câmaras de surpresas, laboratórios de magia, passagens secretas, galerias subterrâneas.

Caminhando por uma dessas galerias, estreita e escura de dar medo, os dois chegaram a uma grande planície.

— Agora, você vai conhecer o maior de todos os meus segredos — disse o anão.

Ele andou até um rio muito azul, tirou do bolso uma varinha mágica e falou:

— Afastem-se, águas. Já!



No mesmo instante, as águas obedeceram e eles passaram para o outro lado sem molhar nem a sola dos sapatos.

— Puxa! — exclamou o flautista, de queixo caído. — Essa varinha mágica é das boas mesmo...

Mas dali a pouco já tinha outra coisa para admirar, pois chegou ao castelo maior e mais bonito que havia visto em todas as suas andanças pelo país.

— É... do senhor? — perguntou ele, gaguejando.

— Infelizmente, não — respondeu o anão. — Este castelo é da princesa que uma bruxa fez dormir há séculos e que só um jovem pode despertar.

— E por que nenhum moço veio acordá-la?

— Até agora, eu consegui afastar todos os intrometidos. Mas você roubou minha força e eu tenho de levá-lo até lá...

O velho pegou o músico pelo braço e o conduziu para o quarto mais alto do castelo, onde estava a princesa adormecida.

Quando viu a moça dormindo, o moço ficou apaixonado.

— Ela é linda! — exclamou.

— É — concordou o velho. — Você quer que ela acorde?

— Claro — respondeu o flautista. — Mas o que é que eu tenho de fazer para isso? Dar um beijo nela?

— Não, senhor! — disse o anão. — Está vendo o passarinho naquela gaiola ali?

O rapaz estava tão encantado com a beleza da moça que não tinha reparado em passarinho nenhum. Então, olhou direito e viu a gaiola.

— Estou — declarou ele.

— Pois pegue uma pena dele, ponha bem em cima do coração e pense na princesa com amor.

O flautista fez exatamente como o anão explicou. E, assim que encostou a pena no peito, sentiu um calor muito grande.

— A pena pegou fogo! — murmurou, espantado.

— Eu sei — respondeu o homenzinho. — Agora, recolha a cinza com todo o cuidado.

O moço obedeceu depressa e olhou para o anão, esperando que ele desse nova ordem.

— Coloque a cinza nos lábios da princesa — disse o velho.

O rapaz chegou perto da cama e pôs a cinza nos lábios da moça. Na mesma hora a princesa abriu os olhos e disse:

— Que bom que você veio! Sempre sonhei com este momento.

Então, o castelo estremeceu, como se um raio tivesse caído em cima dele. E dali a pouco todos os fidalgos, as damas, as criadas e os lacaios apareceram no quarto.

— Viva! Viva! — gritaram eles. — Nossa querida princesa despertou!

— Sim, meus amigos — disse a moça. — E este é o herói que me tirou daquele sono tão comprido.

A gente vai se casar na semana que vem...

Todos bateram palmas e cumprimentaram o casal com muitas reverências.

O anão só olhava tudo com a cara fechada. E, quando os cumprimentos por fim terminaram, ele cochichou para o flautista:

— Eu já fiz minha parte do trato. Agora, devolva a minha barba.

— Puxa, ainda bem que o senhor falou nisso... — disse o moço. — Eu tinha até esquecido.

— Pois eu não esqueci — resmungou o homenzinho. — Quero minha barba.

— Eu devolvo. Mas só lá na beira do rio — exigiu o rapaz.

O velho não gostou muito daquilo, mas teve de concordar. Foi para a beira do rio, com o flautista e a princesa, e lá falou para ele:

— Pronto, devolva a barba.

— Primeiro, me dê sua varinha mágica — ordenou o rapaz.

— O quê...? — estrilou o anão.

— É, a varinha... Senão, eu jogo sua barba no rio — disse o moço.

E estendeu a mão para a água.

— Um momento! Não faça isso! — gritou o velho. — Tome a varinha...

O rapaz pegou a varinha, agitou-a no ar e fez as águas se afastarem. Então, disse para o anão:

— A gente vai com o senhor até o outro lado, e aí eu devolvo sua barba. Vá na frente.

— Mas por que não devolve já...?

— Porque eu não sou bobo... — respondeu o moço.

— E não pense que eu sou — disse o velho, muito desconfiado. — Não queira me tapear...

— Longe de mim tal idéia — mentiu o músico.

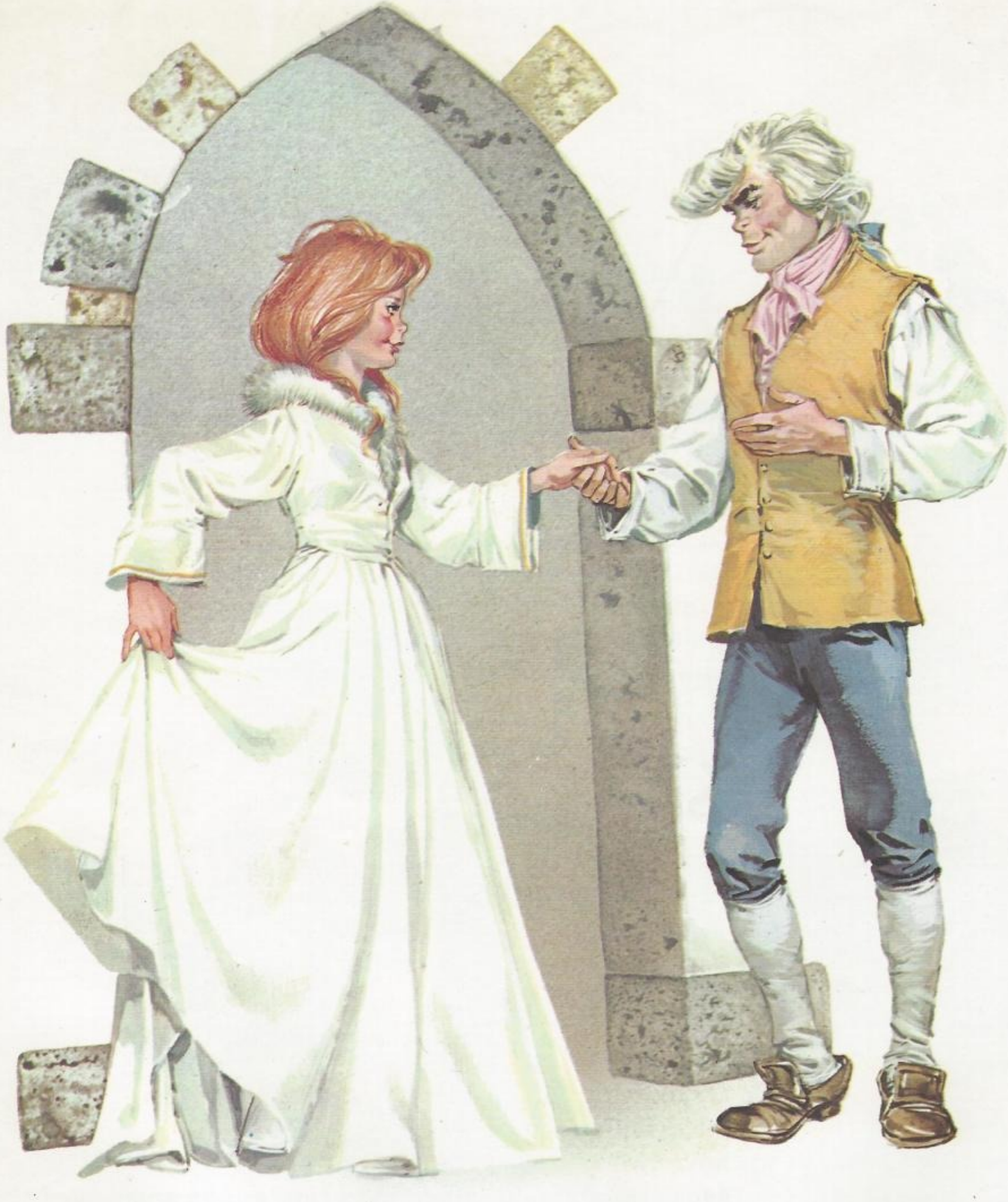
E os três começaram a atravessar o rio. Mas, quando estavam na metade do caminho, o flautista e a princesa voltaram pé ante pé para o lado do castelo. E o anão chegou sozinho na outra margem.

Quando viu que tinha sido enganado, ele deu meia-volta e tentou atravessar o rio de novo. Mas o moço balançou a varinha e as águas se juntaram, ainda mais fundas que antes.

— Jogue para cá minha barba! — gritou o velho.

O violinista tocou a barba com a varinha e, num segundo, ela voou até a mão do velho.

— A varinha fica comigo. O senhor nunca mais vai fazer maldades com ela. Adeus! — disse.



O anão voltou para casa, com
força mas sem poderes mágicos.
O violinista e a princesa
se casaram na manhã seguinte,
ao som de uma marcha nupcial
tocada pelo violinista e
pelo corneteiro.